

Lições Adultos

Lições Jovens

Comentários

Meditações Diárias

Meditação da Mulher

Inspiração Juvenil

Dias

Lição 7 – VITÓRIA SOBRE O PECADO

José Carlos Ramos

[Licão](#)[Auxiliar](#)

Se o leitor retornar à introdução do comentário da lição 3 e observar a estrutura de Romanos ali inserida, notará que a santificação, como ingrediente natural do processo da salvação executado por Deus, é o assunto do capítulo 6, o texto de estudo da presente lição. O assunto prossegue até 8:17, com uma referência ao resultado natural de nossa filiação divina: somos herdeiros de Deus, co-herdeiros com Cristo, e nos aguarda nada menos que nossa glorificação.

Não devemos supor, todavia, que, ao tratar da santificação, o assunto da justificação pela fé foi deixado de lado. A justificação pela fé é o tema de toda a epístola, e não de apenas parte dela. A presente santificação, tanto quanto a futura glorificação, integram-na. Isso Paulo já deixa entrever em 1:7 quando afirma que os crentes romanos haviam sido chamados por Deus para ser santos, e no capítulo 5 onde ele fala da "atual" glorificação (v. 2, 3, 11). Na estrutura da epístola, justificação pela fé equivale a "meio divino de salvação."

Paulo emprega a palavra santificação, *hagiasmós*, duas vezes neste capítulo (v. 19, 22). O termo indica *condição* e *processo*. Como processo, a santificação aponta para uma progressiva transformação (ver 2Co 3:18); o cristão avança pelo poder divino e se aprofunda cada vez mais em sua experiência cristã. Como condição, ela define o cristão como santo enquanto o processo se desenvolve. Não há dúvida a esse respeito, pois o apóstolo chama de santos aqueles que estão em Cristo (8:27; 12:13; 15:25, 26, 31; 16:2, 15, só para citar Romanos).

Com base em 2 Coríntios 3:18, notamos que, no processo da santificação, o cristão avança "de glória em glória", de um estado de santidade para outro ainda mais evoluído. Penso que uma progressiva semelhança com Cristo é o que melhor define o assunto da santificação não somente em Paulo, mas em toda a Bíblia. Esse é o grande ideal de Deus para os fiéis, e em Romanos 6 o apóstolo apresenta os fundamentos do processo, enquanto em 12:1-15:13 ele o expõe em seu aspecto prático.

Assim, a exposição apostólica deixa claro que justificação pela fé não é uma questão de mera aquiescência ao que Deus oferece: "aceito Tua justiça e assunto encerrado". É antes um compromisso assumido com Cristo de recebermos Sua justiça e vivermos essa justiça, não por nossas forças, mas pelo poder que Ele coloca a nosso dispor, o que finalmente se traduz em termos de Sua própria vida sendo vivida em nós (Gl 2:20). Em que pese o fato de sermos beneficiários passivos de Sua obra salvífica, a experiência da justificação pela fé é tremendamente dinâmica, santificando a vida do cristão. Observemos esse fato no estudo da lição.

I. Graça abundante

"...Mas onde aumentou o pecado, transbordou a graça" (Rm 5:20, NVI), é certamente o ponto culminante na argumentação paulina realçando a magnitude da obra de Deus em comparação com a obra do pecado.

O advérbio "onde" não indica apenas espaço, mas abrange qualquer circunstância em que o pecado se faça presente. Não importa o tempo, o local nem outra qualquer situação em que houver um pecador. Por mais perdido que esteja, haverá salvação a seu dispor. Isso, todavia, não contraria certos eventos e condições, como o fechamento da porta da graça (a partir do que não haverá mais salvação disponível), ou o pecado contra o Espírito Santo (para o qual não existe perdão) consumado por aqueles que insistem na incredulidade.

"Transbordou" é a versão de um verbo grego muito significativo: *hyperperisseúo*. Possivelmente, não havia um verbo que comunicasse de forma mais expressiva o que o apóstolo desejava afirmar. Trata-se do verbo *perisseúo*, existir em quantidade plena, ser abundante, etc., prefixado com a preposição *hypér*, sobre, acima de, além de, etc. Transbordar aqui é ocorrer em medida muito mais que suficiente. "Graça", *cháris*, é a favorável disposição de Deus para salvar. Esse é, indubitavelmente, um dos mais eloquentes textos da Bíblia que confirmam o amor de Deus e Seu desejo de que todos se salvem. "Não tenho prazer na morte de ninguém, diz o Senhor Deus. Portanto, convertei-vos e vivei" (Ez 18:32).

Em seguida (Rm 6), Paulo desmonta o argumento antinomista, levantado contra ele por ensinar a doutrina da justificação pela fé. Se lemos esse capítulo com atenção, constatamos pelo menos duas coisas: (1) Paulo afirma que o justificado pela fé detesta o pecado e luta contra ele, isto é, o crente se esforça por fazer a vontade de Deus; e (2) justificação pela fé é o único meio pelo qual se vence o pecado (v. 11, 14, 17, 18). Para tanto, é decisiva a determinação humana conjugada à força divina (v. 12, 13, 19, 22).

Como diz a lição, "não viver sob o domínio do pecado não é o mesmo que não ter que batalhar contra ele. Temos uma batalha diária, momento a momento, para nos manter mortos para o pecado e vivos para Cristo." E a lição de amanhã também diz: "O pecado pode ser um tirano cruel, que nunca se satisfaz, mas sempre volta desejando mais. Somente pela fé, unicamente buscando as promessas de vitória é que podemos subverter esse senhor inflexível." E ainda a lição de quarta-feira: "Unicamente através da fé podemos ter a vitória que nos é prometida." É assim que se cresce em santificação.

II. O pecado personificado

Para entendermos o que é a personificação do pecado tecida por Paulo em Romanos 6, temos que voltar a atenção ao capítulo 5. No verso 14, ele afirma que a morte reina (o que também significa uma personificação da morte). No verso 17, são os que recebem a graça que reinam em vida; mas então Paulo afirma essa questão de reino e domínio em termos mais definidos: é o pecado, por um lado, e a graça, por outro, que realmente reinam. Assim, tanto pecado como graça são personificados.

A personificação do pecado e da graça indica, todavia, que, em última instância, quem reina é, respectivamente, Satanás ou Deus, cabendo ao homem decidir a que domínio se submeterá (6:12, 13). E é claro que a decisão sendo por Deus, o resultado será vida em todos os sentidos positivos e verdadeiros, tanto agora como na eternidade.

Em Romanos 6-8, em sua abordagem da santificação, Paulo apela aos leitores que se submetam a Deus. Submeter-se ao reino do pecado é dar vazão à natureza carnal, com todas as suas inclinações. Isso tudo caracteriza o domínio do pecado porque resulta em morte, e o pecado reina "pela morte" (5:21). Submeter-se ao reino da graça é resistir aos apelos dessa natureza, dando total soberania ao controle do Espírito de Deus. Isso tudo caracteriza o domínio da graça porque resulta em vida eterna como fruto da justiça, e precisamente a graça reina "pela justiça para a vida eterna" (5:21).

Então, em 6:12, ele interpela os leitores a não permitir que o "pecado reine". Em Romanos 6, este é o segundo imperativo apostólico (o primeiro vem imediatamente antes), expresso em decorrência do indicativo subtendido no verso 11: *os cristãos estão mortos para o pecado e vivos para a justiça, "portanto" não devem permitir o domínio dele*. Com efeito, os imperativos divinos sempre são apresentados como

provenientes do indicativo, o modo verbal da ação definida, no caso a operação divina em favor do pecador. Nunca Deus requer de nós algo para o que ele já não tenha providenciado um meio de cumprimento.

Pecado é a versão do termo *hamartía*, o pecado tomado como princípio operativo no mundo. O empenho do apóstolo para que o pecado não reine nos crentes não significa que ele espera que estejam agora isentos do pecado, ou sem presença do pecado. O cristão continua a ser pecador, mesmo porque continua vivendo num "corpo mortal", como Paulo reconhece.

O ideal, todavia, é que o pecador, uma vez justificado pela fé, não mais peque; mas Deus sabe que a impecabilidade será um traço distintivo do homem somente a partir da volta de Jesus. Por isso é dito: "Estas coisas vos escrevo para que não pequeis. Se, todavia, alguém pecar, temos Advogado junto ao Pai, Jesus Cristo, o justo" (1Jo 2:1). Pecados ocasionais poderão ocorrer, e de fato ocorrem, na vida do cristão. O que não pode acontecer, entretanto, é que o pecado exerça domínio sobre ele. Este domínio está subentendido na palavra "reine", e é confirmado na continuação do apelo apostólico.

III. Debaixo da lei?

Rm 6:14 é outro texto mal interpretado por aqueles que negam a validade da lei de Deus para o cristão. Para eles, dizer que o cristão não está "debaixo da lei" equivale a dizer que ele não tem a obrigação de guardá-la. Afirmasse Paulo isso, e simplesmente estaria dando força à argumentação de seus adversários que, distorcendo o seu ensino, o caluniavam dizendo que ele incentivava a liberdade para pecar.

Antes de uma consideração ao texto, notemos o seguinte: quando entramos num ônibus, deparamos com uma lei: *Proibido Fumar* – lei tal, n° tal, de tal data, etc. Pergunto: quem é que está debaixo daquela lei? Quem não fuma, ou quem acende um cigarro e começa a fumar? De igual forma pergunto: quem está debaixo da lei de Deus? Quem a obedece ou quem peca? Bem, nesse sentido todos estamos debaixo da lei, pois não há quem "não peque" (Ec 7:20). Essa maneira de entender o texto faz com que Paulo, ao afirmar "não estais debaixo da lei", estivesse significando "não estais debaixo da condenação da lei". Nesse caso, Jesus, o único que não transgrediu a lei, nasceu "sob [ou debaixo da lei]" (Gl 4:43) exclusivamente porque assumiu nossos pecados, fazendo-Se assim condenado em nosso lugar (3:13).

Embora isso esteja indiretamente envolvido no que o apóstolo disse, não é esse o sentido principal do texto. Por "lei" Paulo se refere ao sistema judaico de salvação, justificação "por obras da lei", ou através do *legalismo*. Então, aqueles que estão "debaixo da lei" estão, de qualquer forma, debaixo da condenação da lei, pois o legalismo jamais confere poder para a vitória sobre o pecado. Em contrapartida, Paulo afirma que os verdadeiros cristãos estão *debaixo da graça*, ou seja, eles foram envolvidos pelo plano salvífico de Deus. Esta é a razão por que o pecado não exerce domínio sobre eles, e eles não são condenados (8:1).

Reforçando o que estou declarando, aqui há uma antítese: *estar debaixo da lei* (isto é, submetido a um sistema legalista de salvação, o que resulta na própria condenação da lei) X *estar debaixo da graça* (ou seja, submetido ao plano divino de salvação, o que resulta em obediência a Deus). A primeira situação faz com que o domínio do pecado continue, e o pecador continue condenado. O legalismo jamais salva, mesmo porque, segundo Paulo, a lei, ao ser outorgada, acabou causando o efeito contrário daquilo que poderia ser esperado: ela se tornou a força do pecado (1Co 15:56), incrementando a culpa. A segunda situação, entretanto, faz com que a força do pecado seja quebrada, e o pecador seja empossado da salvação, e assim prossiga até se ver finalmente no reino de Deus.

IV. Dois senhores em guerra

A lição de hoje traz um sabor de guerra. No processo da salvação humana está envolvido o *grande conflito*. Em geral, ao se falar no grande conflito, quase sempre se pensa na rebelião de Satanás contra Deus e a vitória d'Este no desfecho da história. Mas não podemos esquecer que o grande conflito nos envolve a todos, e que cada um deverá definir qual posição decidiu: ao lado de Deus, com suas consequências, ou ao lado do inimigo de Deus, também com suas consequências (a lição nos lembra que não há uma terceira posição). Por isso, considera-se a mente humana um campo de batalha desse conflito.

Paulo toca esse ponto ao afirmar que tanto a graça como o pecado intentam o domínio do ser humano; e alguém se deixa dominar em nível de concessão mental. Se alguém submeter sua mente ao domínio de Deus, Este dominará sobre a totalidade do seu ser. O mesmo ocorrerá em relação ao inimigo de Deus. Um endemoninhado não é senão alguém cuja mente está sob o total controle do demônio.

Mas não nos enganemos: nem todo endemoninhado se porta como um endemoninhado declarado; essa é uma tática do próprio inimigo. Tem muita gente por aí em são juízo, pelo menos aparentemente, cuja mente está voltada e votada totalmente a ele e a serviço dele. O que não poderá continuar para sempre é uma mente dividida, ora um pouco para Deus, ora outro pouco (senão muito) para o inimigo de Deus. Antes que a porta da graça se feche, cada membro da humanidade terá tomado sua posição.

Sobre Romanos 6:16, o texto da pergunta 4, acrescento: Quem peca é escravo do pecado. Não há possibilidade de pecar meramente porque decidimos pecar; se a pessoa ainda vive no pecado, é sinal de que ainda não está debaixo da graça, e que, portanto, é escrava do pecado. Isto não significa que o justificado pela fé seja plenamente santo e não peque. Não há nenhum sentido de perfeccionismo absoluto em Paulo. Mas, como estamos vendo, o apóstolo faz seu depoimento contra o antinomismo que nega a necessidade da obediência. Somos livres, mediante a graça, para escolher a quem obedeceremos. Mas a obediência ao senhor escolhido inevitavelmente terá de ocorrer.

No verso 17, Paulo agradece a Deus pelo fato de os cristãos de Roma, antes escravizados pelo pecado, terem abandonado a este e dedicado a vida para obedecer "de coração a forma de doutrina a que [foram] entregues." O cristianismo é fundamentado, antes de tudo, numa Pessoa. Entretanto, ele possui doutrinas que são, na realidade, a própria expressão dessa Pessoa, a saber, Jesus. Por isso a obediência do cristão é incontestável, e não será apenas uma atitude externa, uma questão de simples comportamento. Ela partirá do coração e envolverá todo o ser, seus pensamentos, palavras e ações; em outras palavras, sua mente está sujeita à direção do Espírito Santo.

V. Fruto para santificação

Em Romanos 6:21 e 22, Paulo fala de duas qualidade de fruto, decorrentes das duas espécies de senhores que reivindicam nossa subserviência: um fruto de morte e um fruto de vida. No original grego, o termo *fruto* é inserido duas vezes, embora a *Versão Almeida Revista e Atualizada* o registre apenas no verso 22.

O fruto referido no verso 21 se aplica às coisas que os cristãos romanos praticavam antes da conversão, das quais agora se envergonhavam; coisas que, no fim, resultariam em "morte". Não estar comprometido com a justiça leva a uma colheita inglória e vergonhosa, que acarreta finalmente a morte. Os verdadeiros cristãos se envergonham de seu passado e se horrorizam com a simples ideia de um retorno a ele.

Paulo não relaciona os frutos que antes envergonharam os cristãos romanos, mas podemos supor que seriam as "obras da carne" mencionadas em Gálatas 5:19-21, obras que igualmente resultam em morte (v. 21); a exemplo de Romanos, esta epístola também trata da justificação pela fé.

Se as obras da carne são a qualidade de fruto produzida por aquele que vive no pecado, entendemos que o "fruto para a santificação", mencionado em seguida e colhido por aqueles que foram "libertados do pecado" e "transformados em servos de Deus", coincide com o fruto do Espírito, também mencionado em Gálatas 5 (ver os versos 22 e 23). No primeiro trimestre deste ano, estudamos o fruto do Espírito, e percebemos como é maravilhoso ter a vida conduzida por esse Ser igualmente maravilhoso.

Termino este comentário com a seguinte nota: a maior tragédia na vida cristã é a suposição de que o cristão é livre para viver o estilo de vida que bem lhe parecer, sem levar em consideração o que Deus espera dele; sem se importar com a ética do que é correto e do que é errado. Esta é a fantasia com que o antinomismo, ou liberalismo, embala a muitos no engano. Ser livre da justiça, entretanto, é ser escravo do pecado, e vice-versa. Não há uma terceira alternativa. *O evangelho não torna o homem livre para escolher não ser escravo. Torna-o livre para escolher de quem será escravo, a quem obedecerá* (Rm 6:16). Contudo, ser escravo de Cristo é o verdadeiro segredo da liberdade, expressa nos termos da filiação divina (8:15).

Pastor e professor do SALT ora jubilado. Engenheiro Coelho, SP
